



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALANNA LUCIANO DE LUCENA

**A EXPERIÊNCIA DO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE: UMA
ARTICULAÇÃO COM A GESTALT-TERAPIA**

Juazeiro do Norte
2020

ALANNA LUCIANO DE LUCENA

**A EXPERIÊNCIA DO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE: UMA
ARTICULAÇÃO COM A GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para a obtenção do
grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

ALANNA LUCIANO DE LUCENA

**A EXPERIÊNCIA DO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE: UMA
ARTICULAÇÃO COM A GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

MARCUS CEZAR DE BORBA BELMINO

Orientador(a)

JOEL LIMA JUNIOR

Avaliador(a)

LARISSA VASCONCELOS RODRIGUES

Avaliador(a)

A EXPERIÊNCIA DO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE: UMA ARTICULAÇÃO COM A GESTALT-TERAPIA

Alanna Luciano de Lucena¹
Marcus Cezar De Borba Belmino²

RESUMO

O exercício da parentalidade solicita atitudes que são influenciadas por diversos fatores, dentre eles a cultura, mas também tem um aspecto singular, pois outro influenciador é a história de vida de cada um. Assim, a partir de entrevistas, objetivou-se compreender a experiência da parentalidade com crianças na primeira infância, tendo como perspectiva a Gestalt-terapia. Para isso, fez-se uso do método fenomenológico proposto por Amedeo Giorgi, abordando o problema de forma qualitativa com um objetivo exploratório. Na análise dos dados evidenciaram-se cinco unidades significativas: algumas dificuldades encontradas na parentalidade; considerações e reações diante de desobediências; satisfação com a parentalidade; opiniões sobre o que é importante para uma criança; expectativas quanto ao futuro da criança. Com o término da análise, evidenciou-se a necessidade de um trabalho psicoeducativo que objetive possibilitar cuidados mais funcionais, promovendo a saúde mental das partes envolvidas.

Palavras-chaves: Parentalidade. Desenvolvimento infantil. Gestalt-terapia.

1

ABSTRACT

The exercise of parenting requires attitudes that are influenced by several factors, including the culture, but it also has a unique aspect, as another influencer is the life story of each one. Thus, from interviews, the aim was to understand the experience of parenting with children in early childhood, bearing as the prospect of Gestalt therapy. For this, the phenomenological method proposed by Amedeo Giorgi was used, approaching the problem in a qualitative way with an exploratory objective. In the analysis of the data, five significant units were evidenced: Some Difficulties Found in Parenting; considerations and reactions to disobedience; Satisfaction with Parenting; opinions on what is important for a child; expectations about the child's future. With the end of the analysis, the need for psychoeducational work aimed at enabling more functional care was highlighted, promoting the mental health of the parties involved.

Keywords: Parenting. Child development. Gestalt therapy.

1 INTRODUÇÃO

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: alannalucena@gmail.com

²Doutor em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

Quando uma pessoa cuida de uma criança, ela toma como base os conhecimentos adquiridos no decorrer de sua vida, seja por meio do senso comum, seja pela literatura científica. Devido a isso, mesmo havendo ideias partilhadas, essa tarefa tem um aspecto singular e pode ser nomeada como parentalidade.

O termo parentalidade referido começou a ser empregado nos anos sessenta na literatura psicanalítica francesa (ZORNIG, 2010). Ele pode ser entendido como o conjunto de práticas adotadas pelos pais ou substitutos, tendo como base os recursos obtidos na família e na comunidade com o objetivo de promover o desenvolvimento do filho (CRUZ, 2005). Assim, esta pesquisa buscou compreender a experiência do exercício da parentalidade e articulá-la com uma abordagem fundada por Fritz Perls e Laura Perls na década de 1950, a Gestalt-terapia.

Como a parentalidade pode ser exercida com pessoas nas diversas fases da vida, escolheu-se a primeira infância que é “o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança”, conforme o Art. 2º da Lei 13.257, (BRASIL, 2016). Nessa fase a criança parte de uma total indiferenciação e inicia seus aprendizados em busca de autonomia, por esse motivo é o momento que há mais envolvimento com os cuidadores.

A partir da realização de entrevistas semiestruturadas com pessoas que exercem a parentalidade, fazendo-se uso do método fenomenológico, pretendeu-se atingir o objetivo geral que consistiu em identificar fenomenologicamente os significados subjetivos que orientam a prática da parentalidade com crianças na primeira infância, bem como explorar as práticas adotadas pelos sujeitos da pesquisa no exercício da parentalidade com crianças que se enquadram na fase mencionada. Por fim, o terceiro passo consistiu em elencar o que a Gestalt-terapia trata sobre o desenvolvimento infantil e sobre a parentalidade.

Macarini; Crepaldi; Vieira (2016) trazem que é importante que o psicólogo tenha conhecimento sobre a constituição da parentalidade, pois isso embasará sua atuação clínica, que deve ser sempre reconstruída, de acordo com as particularidades das famílias que procuram o serviço, uma vez que esse profissional pode intervir e orientar as práticas dos pais que buscam auxílio. Com isso, o resultado desta pesquisa será outro meio para os Psicólogos inteirarem-se mais profundamente no fenômeno da parentalidade.

No decorrer deste registro optou-se por discorrer sobre as mudanças históricas que aconteceram na concepção de infância e por desenvolver o conceito de parentalidade. Sobre a Gestalt-terapia foram expostas as ideias que dão base para o entendimento de família, parentalidade e também a teoria do desenvolvimento infantil dessa abordagem que será

mencionada, a partir de agora, ao longo do trabalho, por meio da sigla GT. Na sequência foi apresentada a metodologia; os resultados e discussões a partir das entrevistas e as considerações finais que se pôde obter a partir desta pesquisa sobre o tema da parentalidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PARENTALIDADE

Segundo Ariés (2006), na idade média a criança não era percebida como nos dias atuais. Não existia o conceito de infância que define que essa fase da vida solicita ações demasiadamente diferenciadas por parte dos cuidadores. Assim, bastava passar o momento de dependência física que a criança, considerada um adulto em miniatura, era incluída no mundo das pessoas com mais idade e posta para aprender e realizar atividades cotidianas. Nessa época, a transmissão do afeto familiar estava em segundo lugar, pois apenas a doação de recursos e sobrenome era o almejado.

Esse autor, no desenvolver dos seus estudos, trouxe que a dinâmica familiar foi passando por uma série de mudanças relacionadas ao afeto e que o conceito de infância também foi se transformando, contendo ideias de moral, inocência, necessidades de cuidados e de orientações de condutas sociais. Foi nessa fase que a pedagogia ganhou destaque a partir do desenvolvimento da escola.

A ênfase do afetivo nas famílias também foi tema de estudo de Singly (2007), destacando que, do século XIX até meados de 1960, existia a divisão de tarefas entre os membros da família e que as crianças recebiam atenção e cuidados relacionados à educação e saúde, sendo o amor a característica mais marcante no casamento. Após esse ano citado a família deixou de ser vista como um grupo, pois o individualismo passou a ocupar mais espaço, havendo uma busca maior por autonomia e felicidade individual.

O termo parentalidade, no Brasil, passou a ser adotado a partir da década de 1970 e é utilizado nos dias atuais por diferentes abordagens teóricas para nomear as mudanças as quais as pessoas que se tornam pais e mães são submetidas ao exercerem esses papéis. Abrange a ideia que esse processo é influenciado pela cultura e pela história de vida dos envolvidos. Há três formas de se perceber a parentalidade, não priorizando nenhuma delas. Uma delas é a prática e se refere às ações que buscam cuidar, dando atenção aos aspectos físicos e psíquicos, como também às relações afetivas entre pais e filhos. A outra é a experiência, que na parentalidade se cumpre papéis, inclusive o de apresentar regras necessárias, portanto,

estruturantes. Colocando que isso envolve o consciente e o inconsciente, pois nesse processo também está envolvido o desejo pela criança. A última é o exercício e por ela se entende que também é função na parentalidade transmitir direitos e deveres relacionados a laços familiares (HOUZEL, 2004).

Acredita-se que alguns fatores, como características coletivas pertencentes ao social que recebem influências da cultura e da história são contribuintes para o perfil da parentalidade (MORO, 2005). Por sua vez, Lebovici (2004) aponta que, quando uma pessoa exerce a parentalidade, seleciona suas práticas pensando nos ensinamentos que são necessários serem transmitidos para outras gerações, sendo assim, ser pai e mãe tem seu aspecto distinto.

Atualmente, segundo Backes *et al* (2015), ainda existe uma divisão nas atribuições de pais e mães, contudo, essas vem modificando-se, tornando-se complementares e oscilantes. As mães continuam sendo um suporte emocional, transmitindo ensinamentos e tendo os cuidados básicos, mas com menos intensidade por estarem mais ausentes. Ao mesmo passo que os pais continuam disciplinando e encorajando a abertura da criança ao mundo, só que dividindo essa tarefa com as mães e também passando a oferecer mais apoio emocional e cuidados.

Diante dessas perspectivas e mudanças, continua a discussão sobre como é ser pai e mãe, que é nomeado como parentalidade. Esse termo, hoje, se refere a um conjunto de valores construídos historicamente, envolvendo afeto, cuidado, a história de cada família e a subjetividade de quem realiza esse exercício. E, nomeia as práticas realizadas com o objetivo de promover o desenvolvimento da criança. Com isso, pode-se perceber que nenhum dos autores mencionados se refere a esse conceito como um padrão parado no tempo, mas uma concepção que está em constante mudança, assim como a sociedade (ALMEIDA, 2007; CRUZ, 2005).

2.2 PRINCIPAIS CONCEITOS DA GESTALT-TERAPIA RELACIONADOS À COMPREENSÃO DA DINÂMICA FAMILIAR E DA PARENTALIDADE.

A abordagem terapêutica Gestalt-terapia tem como umas de suas bases epistemológicas a fenomenologia e o existencialismo. Ela acredita em um ser humano singular, pois ele tem suas particularidades na forma de agir e interagir com o mundo (RIBEIRO, 1985). Entretanto, isso não impede de que também se entenda que o ser humano é constituído em suas relações.

O que explica a crença no ser humano relacional é a teoria de campo de Lewin que percebe um campo constituído por suas partes. Estas partes estão interligadas e quando algo muda em uma delas, todo o campo se reconfigura, sendo que “do ponto de vista da teoria da GT, tudo é processo” (YONTEF, 1998, p. 9). Isso significa que, por haver interligações, não existe causa ou efeito, uma vez que tudo é constituinte e é constituído (PERLS, 1977).

Existe o conceito de contato, que é o processo de interação com novidades que puderam ser assimiladas e a rejeição do que não se conseguiu absorver (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). O contato acontece a partir de um ajustamento criativo, que é a busca do organismo por satisfazer suas necessidades, utilizando o que o meio permite, fazendo uso do que lhe é oferecido e da experiência pessoal (FRAZÃO, 1997).

Em busca de uma defesa pessoal o processo de contato pode ser interrompido, surgindo às situações inacabadas. Neste caso, uma gestalt se construiu para acomodar a situação, mas permaneceu aberta (ZINKER, 2001). É importante que elas se fechem, pois quando ainda estão no campo tornam difícil que outras figuras surjam. Isso explica o retorno constante a algumas situações do passado.

Entende-se ainda, que existem barreiras abstratas, as fronteiras, constituídas na história de vida de cada um e são a partir delas que há o encontro das diferenças, portanto, para que se compreenda o sujeito é preciso olhar para o campo em que está inserido no momento em que o comportamento é emitido (RIBEIRO, 1985). Elas são permeáveis e em algum momento podem se aproximar ou se afastar e tornar-se mais fortes ou mais fracas, servindo para diferenciar o indivíduo do que o rodeia (PERLS, 1977).

Zinker (2001) aborda esse conceito relacionando com o entendimento das famílias, destacando a importância do estabelecimento de fronteiras entre os membros, porém, que sejam flexíveis. Contudo, nem sempre é dessa forma. Há muitas alternativas: as fronteiras podem se expandir e deixar que as influências do meio externo a esse grupo entrem ou então bloquear essa passagem. Podem ainda isolar as unidades que compõe essa família. Com essa compreensão, entende-se que a entrada de uma criança em uma família afeta todo o campo. Portanto, o tornar-se mãe e pai solicita uma adaptação e reorganização dessas pessoas, mudando a identidade pessoal e a do casal.

Exemplo, é possível que os homens e as mulheres, com a chegada de um filho, apresentem menor satisfação com a relação por diversas razões. Uma das alternativas é haver conflitos e dificuldades para divisões de atividades que já existiam acrescida com as demandas da criança podendo assim contribuir com o desencadeio de uma crise (BRASILEIRO, 2002).

Os pais deparam-se ainda com a necessidade, transmitida socialmente, de adaptar as crianças às normas e crenças da cultura. Segundo Perls; Hefferline; Goodman (1997), essa atitude pode fazer surgir dois processos: mutilação/alienação de ações singulares e falsas identificações. Ou seja, a criança fica no impasse de ser ela mesma ou passar a ser o que determinam. Briggs (1986) complementa que as pessoas que exercem a parentalidade precisam oportunizar que a criança se expresse e sinta-se autorizada a ser ela mesma, respeitando a sua individualidade. Assim, serão mais prováveis trocas saudáveis com o mundo.

Antony (2009), nesse contexto, complementa com o exemplo de que um sintoma disfuncional de uma criança indica uma família adoecida em suas relações. Não somente a família, mas também a sociedade. Nesse caso, a criança seria a figura que emergiria desse campo. Portanto, ela estaria sendo o meio para a manifestação do que acontece no grupo.

2.3 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA.

Existe um modelo de desenvolvimento mais conhecido, aquele que estabelece etapas e períodos para as crianças aprenderem determinados comportamentos psicológicos. A Gestalt-terapia não acredita neste padrão, e sim que os contatos vão acontecendo de acordo com relações interpessoais e que esse processo é singular (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

A GT enxerga o ser humano como essencialmente relacional, defendendo que não há outra forma de constituição se não em relações, pois é por meio dessas que há diferenciações e desenvolvimento, o tornando um ser singular. Como ele está inserido em relações durante todo o percurso da vida, pode-se dizer então que a possibilidade de transformação sempre está presente, é um ser em processo (AGUIAR, 2014).

A criança tem relação com o mundo por meio de sete funções de contato, são elas: visão, audição, tato, paladar, olfato, linguagem e movimento corporal. É importante então que ela possa explorar estas funções, uma vez que quanto mais essa habilidade for desenvolvida, maior a possibilidade de estabelecimento de um contato saudável consigo mesma e com o mundo, para isso, é preciso que o meio realize estímulos, pois o contato com o que está em volta possibilita a existência de um ser singular, já que existe uma fronteira que estabelece uma ideia de limitação, permitindo a percepção de si próprio e também do que não faz parte do organismo (POLSTER; POLSTER, 2001).

Nesse contexto, Silva; Gontijo, (2016) trazem a importância de que se abra um espaço de reflexão a respeito do poder de influência que a família tem para com a forma de a criança desenvolver-se psicologicamente. Pois, como a GT acredita, o ser humano incluído no grupo familiar influencia e é influenciado por ele, assim, o comportamento de um componente afeta o todo. Embora as experiências vividas no primeiro ano de vida não sejam determinantes para criança, a GT considera que nessa fase torna-se mais susceptível o estabelecimento de introjeções pouco facilitadoras para o desenvolvimento. Isto se deve ao fato de o campo relacional ser estreito e a capacidade de discriminação ainda estar na fase inicial. Significa assim dizer que há mais possibilidade de absorção das influências oferecidas pelos cuidadores (AGUIAR, 2014).

A mesma autora, Aguiar (2014), complementa explicando que nos primeiros dois anos de vida, por meio da introjeção, forma-se uma ideia sobre o mundo e a respeito da própria identidade. Dessa forma, a criança precisa de informações claras e constantes a respeito do que lhe é permitido realizar para que possa sentir-se segura. E também é necessário que a família tenha ponderação ao lhe dirigir alguma fala que trate sobre suas características, principalmente se forem negativas, pois caso introjetadas, podem haver prejuízos no desenvolvimento da autoestima e no contato com o mundo.

A família tem o papel fundamental de confirmar o ser humano na primeira fase do desenvolvimento como um ser singular, ou seja, uma pessoa que pode mostrar-se com suas diferenças (AGUIAR, 2014). Portanto, ele precisa expressar seus sentimentos, tendo a permissão para dizer não. A partir do segundo semestre de vida dar-se início a modalidade de discriminação reativa que, como dito anteriormente, tendo a oportunidade, a pessoa nessa fase vai dizer não a tudo que percebe que não lhe trará satisfação. Após essa experiência inicia-se a discriminação criativa, em que ela organiza suas experiências e percebe que pode transformar aquilo que lhe é oferecido (AGUIAR, 2005).

Essa negação tem relação com o processo de contato, pela qual está envolvida a agressividade na assimilação da experiência, portanto, esses momentos podem ser importantes para formação da fronteira de contato do ser humano em sua primeira infância. Ajzenberg *et al* (1998) colocam que em relação a tais manifestações limites devem ser apresentados, até porque também contribuem para o estabelecimento de fronteiras, fazendo a individualidade ser estabelecida e formas de ajustar-se estimuladas. Entretanto, é fundamental o saber posicionar-se dos cuidadores diante desses comportamentos. Eles devem ser reconhecidos e contornados, de forma que a reação para com eles não esteja nem no extremo da retaliação, reação desproporcional, nem no da indiferença (POPA *et al*, 2013).

Para melhor explicar, no primeiro possível comportamento extremo citado anteriormente, diante da demonstração de desapontamento, a criança pode ter o sentimento de culpa, como se aquele mal não pudesse ser reparado. Com isso pode adotar um ajustamento criativo de policiar cada comportamento, deixando de ser espontânea e essa Gestalt ficar inacabada. É importante assim que a reação dirigida permita-lhe tentar reparar seu erro e perceber as consequências que serão acarretadas, tornando-se mais experiente para futuramente fazer escolhas (PERLS, 1977).

Oaklander (1977) contribui trazendo que devido à criança ser sensível, no seu egotismo primário, pode perceber as alterações de humor dos pais, atribuindo a culpa a si própria. Às vezes, com seus comportamentos, podem pouco demonstrar o impacto dessas experiências, entretanto, não são facilmente esquecidas, gerando perturbações psicológicas. Ela ainda não tem capacidade de pensar “isso não tem a ver comigo, isso não combina comigo ou isso tem a ver comigo” (p. 11).

Autoconceitos negativos derivados de mitos tóxicos, mensagens negativas que dificultam uma expressão genuína, cria mitos relacionais disfuncionais. Isso se expande para outros contextos, por exemplo, uma criança que acha que é um problema para o pai pode passar a achar que sempre trará dificuldades para vida de outras pessoas. Assim, seu repertório de ajustamentos pode se limitar e seus comportamentos tornarem-se neuróticos (OAKLANDER, 1977).

Nesse sentido, conforme vai se desenvolvendo, a criança começa a perceber que existem outras regras diferentes das que aprendera com seus pais em seu campo relacional e que os outros reagem ao mundo de formas diversas. Essa percepção contribui para o fortalecimento de sua autonomia e é a partir dela que as introjeções são questionadas e o que lhe é repassado passa a ser selecionado (AGUIAR, 2005).

Portanto, é possível falar de cuidados no processo de constituição do self imprescindíveis, e se não oferecidos ficarão como necessidades inacabadas. Pois uma pessoa pode não passar de um heterosuporte para um autossuporte (POPA *et al*, 2013). Com isso, diante da manifestação do sintoma, entende-se que ele tem ligação com o campo relacional da criança e foi a forma encontrada para ser adotada em busca de um equilíbrio (AGUIAR, 2014). Dessa forma, a função materna a partir da sua proximidade com o bebê precisa conseguir identificar suas necessidades, nomeá-las e satisfazê-las (heterosuporte) para que o bebê sintasse-se seguro e confortável na espera que outra figura surja. Posteriormente, quando a mãe vai oferecendo tempo e espaço, ele pode ir conseguindo apropriar-se de suas conquistas, identificando o que deseja (POPA *et al*, 2013).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA:

Esta pesquisa foi realizada em um curto espaço de tempo, ou seja, teve um delineamento transversal. Classifica-se quanto ao objetivo como exploratória. Conforme aponta Gil (2017) essas pesquisas visam possibilitar uma maior proximidade com o tema e podem ter um planejamento mais flexível. Oportunizou um maior conhecimento de como é a experiência na parentalidade, pois explorou as práticas adotadas pelos participantes nesse fenômeno.

Quanto à abordagem, essa pesquisa é qualitativa. Dessa forma, os resultados são apresentados mediante descrições verbais (GIL, 2017). Nesse tipo, não se busca quantidades, mas sim o conteúdo que os sujeitos irão apresentar. Dentro desse modelo qualitativo, fez-se uso do método fenomenológico, que busca compreender os significados das experiências dos sujeitos entrevistados. Portanto, a fonte de informação foi de campo, já que se realizou uma coleta de dados a partir de entrevistas com pessoas que exercem a parentalidade.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO:

Os critérios de inclusão foram exercer a parentalidade com crianças na primeira infância (0 a 72 meses de vida) e não ter ou não estar cursando o ensino superior em Psicologia. Por sua vez, o de exclusão foi ter um perfil que não se enquadrasse no citado.

A quantidade de participante foi duas pessoas do gênero masculino e duas do gênero feminino com idades de 24 a 39 anos. Quanto às crianças que recebem os cuidados dos colaboradores foram três do sexo masculino e uma do feminino com as respectivas idades: 1 e 8 meses, 2 e 1 mês, 4 anos, 4 anos.

3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E LEGAIS

Quando as pessoas demonstraram seu interesse o termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado e todas as dúvidas foram sanadas. Quando confirmada a participação, solicitou-se a assinatura do termo de consentimento pós-esclarecido e o de uso de imagem e voz, pois na pesquisa fenomenológica a gravação é indicada, entretanto, enfatizou-se que as identidades serão preservadas e que esse conteúdo não será utilizado para

outro fim. A partir disso, a entrevista individual aconteceu em um momento que permitiu privacidade e confidencialidade, respeitando assim a RESOLUÇÃO Nº 466, de 2012.

3.4 COLETA DE DADOS

As pessoas foram convidadas para realização da pesquisa fazendo-se uso da conveniência. Um instrumento possível para que se atinja a compreensão do fenômeno é a entrevista, pois o pesquisador pode explorar o que é relatado e entender com mais clareza os sentidos expressados e ainda perceber as diferenças do relato de cada colaborador em relação a esse mesmo tema. Por esse motivo, esta pesquisa fez-se uso da entrevista semiestruturada. Os sujeitos foram chamados de colaboradores porque a pesquisa fenomenológica não lida com sujeitos que transmitem informações, mas sim com pessoas, que juntas, tratam do assunto. O colaborador é o único que tem propriedade sobre sua experiência e o pesquisador está em busca de aprendizado.

A pesquisa foi realizada na modalidade online, fazendo-se uso do software de videoconferência Zoom, devido o cenário de saúde no país. Somente iniciou-se quando as duas pessoas envolvidas estavam em um lugar em que seria resguardada a privacidade do colaborador. O gravador desse recurso foi ativado para que na análise dos dados não se perdessem informações importantes, contudo, todas as precauções éticas foram tomadas. A pergunta disparadora utilizada foi: “Pra você, como é a experiência de exercer a parentalidade? ”. E no curso do diálogo outras perguntas foram articuladas a fim de contemplar os objetivos específicos e esgotar as informações.

3.5 MÉTODO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O método que se fez uso foi o fenomenológico. Nesta modalidade deve ser descrita as experiências vividas pelas pessoas entrevistadas em relação ao fenômeno investigado, almejando-se encontrar sua estrutura essencial. Amatuzzi (1996) coloca que a pesquisa fenomenológica é um tipo de pesquisa qualitativa que se constitui no estudo do vivido ou da experiência imediata pré-reflexiva, objetivando elencar os significados. Isto quer dizer que os colaboradores dessa pesquisa descreveram sua experiência na parentalidade e tiveram a oportunidade de no momento da entrevista refletir e assim elaborar suas concepções a respeito do fenômeno em questão.

O modelo fenomenológico escolhido para o método da pesquisa que se realizou foi o de Amedeo Giorgi. Ele é geralmente apresentado como uma fenomenologia empírica ou fenomenologia experimental (AMATUZZI, 1996). Após a realização das entrevistas existem quatro passos a serem seguidos: O sentido do todo é o primeiro. Nessa fase é levantado tudo o que foi falado a respeito do tema por todos os colaboradores. Esse levantamento dará base para segunda parte, em que são identificadas as unidades significativas, que consistem em temas que surgirão em comum. Já o terceiro passo é a transcrição do conteúdo da fala do sujeito em linguagem psicológica, neste caso a GT. E, por fim, o quarto é a síntese das unidades significativas, descrevendo o que sustenta essas experiências (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O método fenomenológico escolhido foi o sugerido por Giorgi (1985) conhecido como fenomenologia experimental. Segundo indicado, na primeira fase dessa análise de dados as entrevistas foram lidas por várias vezes com o objetivo de alcançar o sentido do todo, tentando deixar de lado as hipóteses pré-concebidas. Feito isso, passou-se para segunda fase que consiste em elencar unidades significativas com foco no fenômeno investigado, pois não é praticável analisar o fenômeno de uma só vez. O terceiro passo foi identificar o sentido psicológico contido em cada unidade com base na teoria da GT e também em temas abordados pela Psicologia. Por fim, no quarto passo todas as unidades foram sintetizadas e encontrou-se um significado psicológico para a experiência do exercício da parentalidade.

As unidades significativas encontradas foram: algumas dificuldades encontradas na parentalidade; considerações e reações diante de desobediências; satisfação com a parentalidade; opiniões sobre o que é importante para uma criança; expectativas quanto ao futuro da criança. A seguir será exposta a análise de cada uma dessas categorias, fazendo-se uso de algumas falas dos entrevistados, entretanto, para que o sigilo seja mantido escolheu-se nomes fictícios.

Os colaboradores foram: Ítalo de 39 anos, casado e pai de um menino de 49 meses. Luis de 38 anos, casado e pai de um menino de 20 meses. Milena de 24 anos, casada e mãe de uma menina de 25 meses. Irene, 25 anos, casada e mãe de um menino de 48 meses e uma menina de 24 meses.

4.1 ALGUMAS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA PARENTALIDADE

Este tópico abordará as dificuldades mencionadas, sejam elas oriundas do campo subjetivo dos entrevistados, apresentadas devido os comportamentos da criança ou impostas pela sociedade a esse papel de pai ou mãe. Como se mostrará, essas dificuldades estão intimamente ligadas aos efeitos de um elevado empenho pessoal, com isso, a sentimentos de desamparo e desorientação em ações diante de manifestações das crianças.

Uma das dificuldades relatadas foi a adaptação a novas solicitações que alguns acontecimentos associados à parentalidade demandaram das entrevistadas. Uma delas trouxe que a vinda de seu filho (a) a tirou do lugar de uma pessoa que tinha muitas de suas tarefas feitas pela mãe e a colocou na posição de ter que fazer todas essas atividades para si e também para seu filho (a). Segundo Houzel (2004), parentalidade nomeia as mudanças que surgem depois da chegada da criança, nesse caso a exigência por responsabilidades. Outra entrevistada trouxe que no momento atual está tendo dificuldades no cuidado com seu filho (a), pois sua mãe que faleceu recentemente a auxiliava muito, ou seja, ela perdeu as orientações de como exercer esse papel. Assim, percebeu-se que nessas experiências há o sentimento de desamparo e esgotamento pessoal.

Seguem duas falas que transmitiram essas ideias:

E hoje não, hoje eu que preciso fazer as coisas para ela, porque ela que precisa de mim agora, entendeu? Então a doação que a gente tem que exercer é algo assim, surreal. Então para mim, ser a mãe dela é algo muito desafiador e difícil. Difícil mesmo, de verdade (MILENA).

É difícil. Porque no mundo de hoje é muito difícil você criar um filho só e ter que educar e tudo. Tem horas que você fica fraca, que você não tem mais forças (IRENE).

Associado a esses sentimentos percebeu-se na fala da Irene que existe o pensamento de que um outro poderia exercer a parentalidade com maior eficácia, ou seja, que as autoavaliações não são positivas. Ela também falou que no momento de suas orientações seu filho(a) a desautoriza. Entretanto, não se tem como saber o que causa tais sentimentos e reações em ambos, pois para GT tudo influencia e é influenciado, já que essas relações fazem parte de um campo (PERLS, 1977). Segue a fala que transmitiu tal conteúdo:

É difícil. Eu sinto dificuldade de ter uma pessoa, uma voz ativa como também ele sente falta. Às vezes eu falo com ele e ele fala: Só meu pai que pode mandar, só meu pai que eu tenho que obedecer (IRENE).

Outra dificuldade mencionada foi a de como lidar com as reações das crianças quando elas se deparam com novas situações. No caso do Ítalo, seu filho (a), que iniciou os estudos recentemente, apresentou resistência para fazer as tarefas escolares e também dificuldade para realizá-las. Ele relatou que, juntamente com sua esposa, em busca de uma solução, passaram a destinar mais tempo para o ensinar e que obteve assim bons resultados em casa. Entretanto, na escola, segundo professores, a criança sente-se insegura e isso os têm preocupado, sendo o primeiro assunto tratado pelo colaborador durante a entrevista. Esse comportamento citado foi nomeado pelo pai como ansiedade, sendo acrescentado que em outros contextos a criança não demonstra tais sentimentos. Segue a fala de Ítalo:

Esse ano ele tá um pouco trabalhoso porque ele é um pouco inseguro. O professor fala que ele sabe das coisa, mas ele chora e muitas vezes isso preocupa a gente (ÍTALO).

Outro caso referente a novas situações é o trazido por Milena. Seu filho (a) dormia com ela até então. Agora, foi decidido que ele (a) deveria dormir no próprio quarto, entretanto a criança demonstra não querer, já que passou a resistir ao sono por quase toda madrugada. Ele fica chamando a mãe para brincar, pedindo comida e, quando é convidado para dormir, chora. Segundo Milena, isso tem lhe acarretado sofrimento, pois ela não quer desistir de acostumá-lo a dormir sozinho, porém, com isso, tem passado noites acordadas e sentido desconfortos ao ter que ser rígida, por negar as solicitações mesmo mediante uma resposta de choro. Ao relatar essa situação, Milena desabafou que tinha a expectativa da parentalidade oferecer menos dificuldades a partir dessa fase que seu filho está, pois ele saberia falar e assim entender o que lhe seria dito, mas relata que apareceu o fator de que ele passou a querer fazer apenas o que deseja.

Eu acho que é a questão do posicionamento. Eu demoro a fazer porque é uma situação que me traz muita dor, dor no coração mesmo. Eu fico muito triste em ter que fazer isso, mas chega uma hora que eu tenho que fazer, até por mim mesma, pois eu já estou caindo de sono (MILENA).

Milena demonstra também uma insegurança nas atitudes que toma para com o filho (a), quando relatou que tem medo em está alimentando excessivamente seu filho no período da madrugada, mas traz que só nega depois de ter atendido os pedidos por algumas vezes, pois sente pena. Percebeu-se que para ela seria errado negar alimento a seu filho (a).

Essa criança está tendo a oportunidade de negar, se expressar, quando pôde demonstrar o seu sentimento de descontentamento em passar a dormir sozinha. Entretanto está manifestando-se de uma forma que não está sendo funcional para ela e sua família. Mas nessas situações foi exposto que o porquê é explicado de não ser mais possível haver brincadeiras ou se alimentar, já que seria hora de dormir. Com isso, há possibilidade de que depois, nas situações que não a agrada, a criança possa passar a realizar ajustamentos criativos diante do que lhe é oferecido (AGUIAR, 2005).

Os conteúdos expostos vão ao encontro com o que os autores mencionados anteriormente trataram sobre as escolhas das atitudes parentais, pois eles falam de uma parentalidade intuitiva, já que há diversas influências, mas um ser subjetivo escolhe algumas dentre tantas (HOUZEL, 2004; MORO, 2005; LEBOVICI, 2004). Com isso, surge esse sentimento de insegurança que acarreta dificuldades, já que poucos têm acesso a orientações científicas nesse sentido.

As falas trouxeram as ideias de que a parentalidade está solicitando mais responsabilidades e que é sentida a necessidade de auxílio. Apresentaram-se ainda preocupações diante dos sentimentos dos filhos, manifestados quando eles se deparam com situações novas, com as quais precisam adaptar-se. Evidenciou-se ainda que momentos em que solicitam um posicionamento perante a criança são difíceis, havendo um receio em não estar atuando de uma forma considerada correta e que recusas e desvalidações por parte dos filhos causam desapontamentos.

4.2 CONSIDERAÇÕES E REAÇÕES DIANTE DE DESOBEDIÊNCIAS

Este tópico tratará sobre as práticas que são adotadas diante de desobediências e os significados subjetivos que as sustentam. Assim, trará articulações sobre o tema do castigo, palmada, diálogo, dentre outros.

Como dito, uma das reações e tentativas de ensinar regras sociais é o castigo. As formas mencionadas foram tirar algo que as crianças gostam ou deixá-las sozinhas em um ambiente como o quarto. Só foram elencados pontos positivos dessa atitude que é a afirmação de que ela é capaz de possibilitar o entendimento do que foi transmitido, uma vez que antes de sua adoção deve-se informar o porquê. A fala seguinte representa tal ideia:

Você deve educar e repreender sim, castigando e tirando as coisas que a criança gosta como uma forma de educar e explicando que ele está sem aquilo por conta que ele fez alguma coisa errada (IRENE).

Todas as ordens colocadas pelos pais podem ser interpretadas como introjeções para a criança, quando ela se manifesta contrária, significa uma forma de rejeitar aquilo que foi imposto. Perls (2002) faz uma analogia dessa situação com o momento que se come um alimento e o seu sabor não é agradável, surgindo assim o nojo (“Nojo significa a anulação do contato oral, separação de algo que se tornou uma parte de nós mesmos” (p. 173)). Com a punição a esse comportamento de recusa o alimento é aceito, entretanto, ele passa a não ter gosto. Depois, a informação pode ser rejeitada novamente ou aceita de maneira parcial, nesse caso, a dor é retida e aniquila parte de si próprio.

Outra estratégia utilizada para que as crianças obedeçam é a palmada. Apareceu que devido essas atitudes os entrevistados são repreendidos por algum membro da família. Foi dado um destaque a baixa intensidade da palmada relacionada à dor, articulando que havia uma preocupação com isso. O intuito da palmada seria interromper um comportamento desobediente ou punir pelo que foi feito quando é ultrapassado um limite que para eles seria adequado suportar.

Eles tentaram expor suas opiniões a respeito do uso da palmada argumentando que tem resultados, porém com pouca durabilidade e que, por isso, configura-se como um método perigoso, já que cada vez mais seria preciso aumentar a potência. Os discursos permitiram entender que em alguns momentos essa ação já foi julgada errada, contudo, em outros, ela foi adotada. Houve ainda a informação de que há a ideia de que a criança não pode perceber que se está sentindo pena ou arrependimento devido essa prática. Segue falas sobre esse tema:

Quando L era menor, a gente batia. Ficava com pena, não passava isso para ele, mas era o jeito. Só que hoje não precisa mais. Falou, pronto, resolve. Aquela coisa de bater, bater, sabe. Só mais uma palmadinha (ÍTALO).

Mainha acha erradíssimo, mas não bato para matar não né. Eu dou uma palmadinha assim, porque, para chamar atenção. Pra dizer assim: “Mulher, para”. Mas quando já tá fazendo muita raiva. Eu acho que não é certo e é certo ao mesmo tempo. Você não pode espancar ninguém, mas é porque tem hora que passa do limite (MILENA).

Percebe-se que não se têm um posicionamento sobre se consideram certo ou não, dar palmada nos filhos. Essa atitude para eles tem o sentido de chamar atenção para o que se está falando e de fazer com que a criança interrompa a ação. Com esses relatos entendeu-se que tal compreensão vai ao encontro do significado de agressão que trata sobre a ideia de intimidar o

outro. Observa-se, então, que diante da desorientação de como exercer uma parentalidade mais funcional, sem outros recursos, essas pessoas, sem se posicionar criticamente, utilizam o que aprenderam no meio onde estiveram inseridos.

Todos os colaboradores tiveram falas que manifestaram o acreditar que o diálogo é uma alternativa válida para fazer com que a criança interrompa um comportamento que não é considerado adequado. Repetiu-se a análise dessa alternativa comparada com a palmada, trazendo o sentido de que ela tem se mostrado mais eficaz. Segue uma fala sobre o diálogo:

Tem muita gente que o filho faz uma coisa errada e eles vão bater no filho a gente não. Achamos melhor conversar Pra ver se ele aprende. O diálogo está em primeiro lugar. Vai tudo da conversa né? (LUIS).

Essas falas trazem que eles acreditam no diálogo e tentam explicar o que é permitido a seus filhos fazerem. Isso faz lembrar a ideia de relação eu-tu na GT, em que há a troca e contato com a subjetividade do outro (PERLS, 1977). Porque, quando se fala em diálogo, trata-se de um momento que as partes podem se expressar, contudo, nas pronúncias dos colaboradores não foi falado sobre as reações diante das possíveis explicações ou contestações tidas pelas crianças, portanto, não é possível afirmar se realmente existe o diálogo.

Ainda relacionado ao diálogo, foi evidenciada uma ideia de fala mais séria que no discurso foi entendida como se fosse vinda de uma posição de autoridade e que ela seria eficaz quando já se tem transmitido a informação de formas mais amenas. Isso apareceu em situações relacionadas ao uso de telas, à resistência para dormir e também tomar banho. Relataram que essa modalidade faz com que a criança perceba que não adianta mais resistir. Segue exemplos:

Me coloco firme e deixo ele entender que ele precisa me obedecer, que a minha voz é ativa e que eu sou a mãe. Que ele precisa fazer do jeito que eu tô determinando (IRENE).

Chega uma hora que eu digo “M não pode e não pode. Mamãe não vai dar mais e tá na hora de dormir”. Ai ela chora, chora, quando ela vê que realmente eu não vou fazer o que ela quer ai ela se entrega (MILENA).

Colocar limites pode permitir que a criança estabeleça uma fronteira entre ela e o outro, pois irá perceber que tem desejos diferentes, mas que muitas vezes será necessário ajustar-se ao meio (AJZENBERG *et al*, 1998). Isso poderia ser nomeado como frustração para

GT. Quando há um equilíbrio entre apoio e frustração contribui para independência da criança, possibilitando que seu potencial de autorregulação seja utilizado (PERLS, 1977).

Houve também falas que expressaram os sentimentos dos colaboradores no momento das advertências. Uns manifestam o sentimento que surgiu e ele dura por um tempo suficiente para a criança perceber e aproximar-se. Outros se autocontrolam, tentando não serem injustos com a criança por acharem que estão errados em terem sentimentos considerados negativos, de forma tão intensa.

Eu fico no canto. Aí ele vem atrás, chamando papai. Eu digo que não quero cheiro, as vezes eu ainda estou com raiva, entendeu? (LUIS).

Na situação acima a criança pode ficar com um sentimento de culpa, pensando que o que fez é irreparável, pois tem poucas experiências de vida para saber de alternativas cabíveis a serem tomadas, como explicar-se e pedir desculpas ou cogitar a hipótese de que aquele comportamento do pai pode ter sido mais influenciado por problemas externos e não somente por sua ação (OAKLANDER, 1977).

Aliada ao assunto da manifestação dos sentimentos que está sendo desenvolvido, também apareceu a ideia de que não se deve esperar que uma criança aja igual a um adulto e que persistir em um embate com ela seria insano, pois o adulto tem a experiência de vida para guiá-lo em suas ações. A seguir a fala da Milena ilustra essa ideia:

“Eu preciso ter muita, muita paciência e lembrar que ela é uma criança e de toda forma ela só tem dois anos. E eu não me estressar muito ou brigar com ela de forma exagerada, não para corrigir, mas por estresse (MILENA).

Essa última fala converge com a ideia de Popa *et al* (2013) que diz que não se deve reagir nos extremos, seja o da indiferença ou o da retaliação diante da agressividade. Aqui se está referindo a desobediência como uma agressividade, pois a criança está querendo destruir o que lhe foi imposto. Essa necessidade de se autocontrolar da Milena pode ser entendida como uma manifestação positiva da retroflexão, pois ela está segurando para si algo que não deveria destinar no outro (GINGER, 1995).

Por fim, apareceu também uma ideia de que mesmo sendo considerada errada a solicitação que a criança está tendo, deve-se ter ponderação ao negar, pois o excesso de não prejudicaria o um desenvolvimento funcional, acarretando um sentimento de desamparo. Segue uma fala que retrata tal ideia:

Não se deve negar tudo porque a criança vai pensar que a pessoa é ruim e que em nada ela pode contar com a pessoa. Então eu acho que existe um limite em que a pessoa faz o que é necessário para ela e faz algo que é para mimar, extrapolando o que é necessário (MILENA).

As falas permitiram entender que essas pessoas, na tentativa de ensinar comportamentos considerados corretos aos filhos, fazem uso do diálogo, da palmada e do castigo. Sobre a palmada, evidenciou-se uma dúvida referente ao posicionamento como certo ou errado. Percebeu-se também que, por alguns, há o costume de se expressar os sentimentos que a criança instiga e, por outros, há um autocontrole, pois considera-se que a manifestação será uma atitude injusta com a criança. Também esteve presente a ideia de que não se pode esperar por parte de uma criança as mesmas ações de um adulto e isso se deve a idade, assim, evidencia-se a valorização da experiência de vida.

4.3 SATISFAÇÃO COM A PARENTALIDADE

Neste tópico será apresentada e discutida a satisfação com a parentalidade que foi evidenciada em algumas entrevistas, pois houve falas que demonstraram que existem momentos prazerosos na experiência de ser pai ou mãe.

Os colaboradores trouxeram a ideia de que alguns momentos, para eles de muita valia, recompensam todo o trabalho e dificuldades enfrentadas na tarefa de cuidar de uma criança. Apresentaram que mesmo que ocupar esse papel tenha sido um acontecimento não planejado, essa novidade foi enfrentada com positividade e satisfação. Houve ainda descrições que transpareceram um sentimento de pertencimento e orgulho quando a criança começa a aprender e agir de formas cativantes. Segue uma fala:

“Eu nunca pensei em ser pai um dia, mas para mim foi bom de mais” (LUIS).

Essa fala acima, do Luis, demonstra que houve uma mudança nos seus planos de vida e que ele conseguiu se adaptar, ou seja, fechou essa Gestalt (PERLS, 1977).

A fala seguinte mostra o atual sentimento de infância, com a romantização dessa fase da vida, em que há um sentimento de pertencimento e um tratamento peculiar apresentado por autores como Ariés (2006).

Quando você vê a criança crescendo e aprendendo as coisas. Quando ela chega e dá um beijo sem ninguém pedir é a coisa mais linda do mundo. Você olhar e saber que saiu de dentro de você (MILENA).

Pôde-se perceber, então, que as falas que trataram desse assunto trouxeram a ideia de que para eles valem a pena enfrentar as dificuldades e estarem exercendo a parentalidade, mesmo sem antes ter feito esses planos de vida e que há uma satisfação em ver a criança desenvolvendo-se.

4.4 OPINIÕES SOBRE O QUE É IMPORTANTE PARA UMA CRIANÇA

Apresentaram-se falas que exprimiram opiniões a respeito do que uma criança precisa para desenvolver-se de uma forma funcional e expressada a ideia de que elas necessitam de carinho e atenção. Práticas como dar bom dia, desejar uma boa noite de sono e levar até o quarto pra dormir e dizer que ama foram destacadas como importantes. Evidenciou-se também a preocupação por a criança não conviver com frequência com seus pares e a tentativa de suprir essa falta brincando com elas, considerando que esses momentos com os pais são de grande importância.

A fase de dois anos foi destacada como delicada e que, por isso, exige muita paciência por parte dos pais, pois a criança tem pouca flexibilidade em abdicar de suas vontades, vontades estas que por várias vezes não são compatíveis com a situação atual. Esse destaque articula-se com o que Aguiar (2014) fala do campo relacional estreito e das introyecções pouco facilitadoras para o desenvolvimento, com essa base avalia-se que se houver muitas retaliações diante das manifestações as crianças poderão crescer achando que não devem expressar suas vontades. Segue uma fala que ilustra uma das ideias mencionadas acima.

O lado afetivo ajuda muito não só na felicidade do filho, mas também no crescimento da criança. Eu acho que é importante de mais. A criança precisa de amor, carinho e atenção (ÍTALO).

Foi exposto ainda o pensamento de que os pais, a partir de suas ações, devem ir transmitindo para as crianças que em vários momentos não será possível que os seus desejos se realizem, mas que isso aconteça de uma forma que não traga sofrimento, fenômeno esse retratado como negativo. Com isso, percebe-se que é entendido que seja possível haver frustração sem sofrimento. A seguir está a fala que transmitiu esse pensamento:

Ela precisa entender que assim como na vida mesmo, nem tudo é como a gente quer. Então é preciso passar isso para criança. Sendo que não podemos deixar ela sofrer (MILENA).

Em consonância com essa ideia, sabe-se que para a GT o sofrimento também é um contato, uma troca com o mundo e se esse ciclo de contato se concluir pode ser nutritivo (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Todas essas falas trouxeram que se acredita que a criança necessita de atenção, carinho, sentir-se acompanhadas e compreendidas. E que a brincadeira é vista como importante, já o sofrimento como algo a ser evitado.

4.5 EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO DA CRIANÇA

Este tópico expõe as falas que se referiram ao futuro e aos planos que são feitos para as crianças. Apareceram os temas de valorização dos estudos, dificuldades na adolescência, aproveitamento da infância e realização pessoal.

Foi apresentado que existe a ideia que quando os filhos crescem dão mais atenção a outras pessoas e afastam-se dos pais, assim, a infância é percebida como um momento que os pais devem dedicar a dar carinho e atenção para aproveitarem enquanto é possível. Além disso, que na adolescência há probabilidade de que eles possam causar desgostos relacionados a práticas delinquentes, existindo ansiedade para com essa fase.

Eu acho que a gente tem que dar amor ao filho até... porque quando ele tiver os amigos dele não quer mais saber da gente. Eu acho que o melhor momento é esse (LUIS).

Ele é uma criança muito boa. Mas, ninguém sabe daqui para frente. Quando ele fizer seus quinze anos (LUIS).

A teoria da síndrome normal da adolescência fala sobre possíveis mudanças no comportamento de adolescentes, dentre elas o mito da invencibilidade e a tendência grupal que se assemelham em alguns aspectos a ideia subjetiva do colaborador que trouxe os conteúdos expostos acima. Já a GT tem algumas divergências relacionadas a essa teoria, pois acredita em um ser humano único e transformador da sua existência, não concordando assim com generalizações (BARONCELLI, 2012).

Outro tipo de expectativa mencionada foi que haja um bom desempenho nos estudos, e que se chegue ao nível superior, acrescentando-se que por isso há uma atual dedicação em possibilitar os estudos da criança, pois essas escolhas evitariam que os filhos adotassem práticas de delinquência e uso de drogas ilícitas. Apareceu, por fim, o desejo de que o filho (a) esteja preparado para as dificuldades que a vida apresenta e seja feliz.

Sabe-se que essas expectativas em algum momento serão transmitidas para criança, exercendo alguma influência. Assim como as atitudes delas podem chegar a mudar tais ideias, pois trata-se de um campo relacional, em que as intervenções são mútuas (PERLS, 1977).

Em resumo, esse tópico mostrou que há apreensão perante a fase da adolescência. Expressou o desejo que os filhos sejam felizes e o considerar que os estudos são importantes na vida de uma pessoa e contributivo para esse sentimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender a experiência do exercício da parentalidade e articulá-la com a Gestalt-terapia. Diante do término, avalia-se que esse objetivo foi atingido, pois as experiências das quatro pessoas que colaboraram com a pesquisa foram analisadas na proporção que uma entrevista possibilita e tentou-se compreendê-las com o olhar da Psicologia e da Gestalt-terapia.

Como respostas para os objetivos encontrou-se, dentre algumas outras ideias e não menos importantes, que as pessoas que exercem a parentalidade precisam ter paciência com a criança, pois ela tem pouca flexibilidade para abrir mão dos seus desejos quando eles divergem das orientações dos pais, entretanto, deve-se buscar a transmissão de que na vida é preciso aceitar que algumas situações são diferentes do que queremos. Nesse contexto, foi exposto ainda que é preciso evitar que a criança sofra e que não é adequado prestar constantes negações a uma criança, pois ela poderá sentir-se desamparada.

Em relação às práticas, apareceu a tentativa de diálogo para explicar algo que deveria ser feito, que foi diferenciada de outra prática, o falar sério que, por sua vez, objetiva ordenar. Como punição ou para pausa de um comportamento, também são utilizadas a palmada e o castigo, que nomeia práticas como deixá-los sozinhos ou retirar algo por eles apreciados. E ainda, brincar com os filhos, como também ceder a convites para brincadeiras, mesmo sem a hora ser avaliada adequada.

Na investigação sobre a Gestalt-terapia encontrou-se o destaque teórico que a GT defende que as pessoas que exercem a parentalidade precisam confirmar a criança como um

ser singular, deixando-a manifestar-se. Quanto aos limites, eles devem ser colocados, contudo, possivelmente provocarão frustrações que por sua vez podem acarretar um crescimento pessoal e a criança buscará novas formas de ajustar-se.

Foi possível observar, ante os relatos de dificuldades e os de necessidade de auxílio, que as pessoas que exercem a parentalidade sentem-se desamparadas. Diante desse fenômeno, acredita-se que o profissional da Psicologia poderia contribuir com um trabalho psicoeducativo, fazendo-se uso, principalmente, dos conhecimentos da Psicologia do desenvolvimento e Psicologia da família. Esse trabalho também deveria estar presente nas políticas públicas, já que seria uma forma abrangente de promoção de saúde mental que atenderia camadas desfavorecidas.

Em decorrência do seu caráter exploratório, esta pesquisa abriu vários temas relacionados à parentalidade que podem ser mais aprofundados em futuras pesquisas, como a percepção das pessoas que exercem a parentalidade a respeito do sofrimento, das expressões da personalidade das crianças e da utilização da palmada. Conclui-se, por fim, que esta pesquisa trouxe um significativo aprofundamento nos estudos de Psicologia da Família e parentalidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças – teoria e práticas**. Rio de Janeiro: Livro Pleno, 2005.
- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
- AJZENBERG, T.C.P *et al.* A Gênese da construção da identidade e da expansão de fronteiras na criança. **Revista de Gestalt**. São Paulo, n. 7, p. 43-48. 1998.
- ALMEIDA, M. E. G. **Quando Dois Se Tornam Três**: Reflexões acerca da formação de uma nova família a partir do impacto do nascimento do primeiro filho. (Monografia). Licenciatura em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/s/TL0060.pdf>. Acesso em: 16 de Abr. 2020.
- AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia. Campinas, 1996.
- ANDRADE, C. C; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013. Acesso em: 15 de fev. 2020.

ANTHONY, S. M. R. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. Revista da **Abordagem gestáltica**. v. 15, p. 55-61, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672009000100009&script=sci_abstract Acesso em 19 de Abr. 2020.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC. 2006.

BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**. v. 18, n. 2, p. 188-196, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n2/v18n2a09.pdf>. Acesso em: 15 de mai. 2020.

BACKES, M. S *et al.* **A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos**. (Dissertação de Mestrado). UFSC, SC, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/133087/333649.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de mai. 2020.

BRASIL. LEI Nº. 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei, n. 8.069, de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm. Acesso em: 15 de fev. 2020.

Brasileiro, R. F. **Transição para a parentalidade: papéis de gênero em questão**. (Dissertação de Mestrado). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812176_10_postextual.pdf. Acesso em: 10 de Abr. 2020.

BRIGGS, D. C. **Criança Feliz – desenvolvimento da autoconfiança**. Ed 1. SP: Martins Fontes, 1986.

CRUZ, O. **Parentalidade**. Coimbra: Quarteto. 2005

FRAZÃO, L. M. Funcionamento saudável e não saudável enquanto fenômenos interativos. **Revista do III Encontro Goiano de Gestalt-terapia**. Ano III, Número 3. 1997.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Ed. 6ª. SP: Atlas, 2017

GINGER, S.; GINGER A. **Gestalt, uma terapia do contato**. 2 Ed. SP: Summus, 1995.

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. In: SOLIS-PONTON, L. (Org.). Ser pai, ser mãe – Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio (pp. 47-51). São Paulo: **Casa do Psicólogo**. 2004.

LEBOVICI, S. Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Leibovici. In: SOLIS-PONTON, L. (Org.). **Ser pai, ser mãe – Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio** (pp. 21-27). São Paulo: **Casa do Psicólogo**. 2004

MACARINI, M. A; CREPALDI, M. L; VIEIRA. A questão da parentalidade: contribuições para o trabalho do psicólogo na terapia de famílias com filhos pequenos. **Pensando famílias**, v. 20, n. 2, p. 27-42, 2016. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n2/v20n2a03.pdf>. Acesso em 19 de out. 2019.

MORO, M. R. Os Ingredientes da Parentalidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. 8(2), 258-73. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v8n2/1415-4714-rlpf-8-2-0258.pdf>. Acesso em: 15 de mai. 2020.

OAKLENDER, V. **Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. SP: Summus, 1977.

PERLS, F. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus. 1977

PERLS, F. **Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. São Paulo: Summus. 2002.

PERLS, F; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus. 30/31. 1997.

POLSTER, E; POLSTER, M. **Gestalt-terapia Integrada**. São Paulo: Summus. 2001).

POPPA, C. C. *et al.* O processo de crescimento em Gestalt-terapia: um diálogo com a teoria do amadurecimento de DW Winnicott. **Revista de Gestalt**, v. 18, p. 61-71, 2013. Disponível em:<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15263/1/Carla%20Cristina%20Poppa.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus. 1985.

SILVA, T. .R; GONTIJO, C. S. A Família e o Desenvolvimento Infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v.13, nº 24, p. 15-36, 2016. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n24/v13n24a03.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2019.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2007.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus. 1998.

ZINKER, J. C. A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus. 2001.

ZORNIG, S. M. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico**, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>>. Acesso em: 04 de out. 2019.